

UM FUTURO E UMA ESPERANÇA

Vida da Igreja Além do Movimento da Igreja Local

John Myer

Assembly Life, Columbus, Ohio

© 2007 por John C. Myer II

Publicado por Assembly Life

Esta publicação não pode ser alterada de forma alguma sem a permissão expressa do autor.

Pode ser copiada livremente e distribuída, mas não vendida.

Tradução Livre para o Português com expressa autorização do autor.

2019

Conteúdo

A Inscrição na Parede

“Contou Deus o teu reino e deu cabo dele...pesado foste na balança e achado em falta...dividido foi o teu reino...” (Daniel 5:26-28)

Vida da Igreja Além da Amargura

“Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem”. (Gn. 50:20a)

Vida da igreja Além de “homens”

“...porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais?”. (1 Cor. 3:3-4)

Vida da Igreja além da “singularidade”

“Se alguém se considera alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo”. (Gálatas 6:3)

Vida da Igreja além da “Unidade”

“Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.” (Gênesis 11: 6).

Vida da Igreja Além da “Obra” (1)

“... Ore ao Senhor da colheita para enviar trabalhadores para a sua colheita”. (Lucas 10: 2)

Vida da Igreja Além da “Obra” (2) – Descobrimo mal entendidos sobre números

Vida da Igreja Além da “Obra” (3) – Descobrimo os mal-entendidos sobre os métodos

Vida da igreja Além da Obra (4) – Dissipando mal-entendidos sobre “Autoridade Espiritual”

Vida da igreja Além do Alqueire (1)

Nem acendem uma lâmpada e a colocam debaixo de uma cesta, mas em um candelabro e dá luz para todos que estão na casa (Mat. 5:15)

Vida da Igreja além do Alqueire (2) – Usando práticas devocionais corretamente

Vida da igreja Além do Alqueire (3) – Combinando o dom com a necessidade

Vida da Igreja Além do Alqueire (4) – Música que faz sentido

Vida da Igreja Além do Alqueire (5) – Ensino que faz sentido

Vida da Igreja Além do Movimento

Epílogo

“Vou-me como a sombra que declina; sou sacudido como o gafanhoto”. (Salmos 109: 23)

**“Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós,
diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar
um futuro e uma esperança”**

Jer. 29:11

Capítulo 1

A Inscrição na Parede

Contou Deus o teu reino e deu cabo dele...pesado foste na balança e achado em falta...dividido foi o teu reino... (Daniel 5:26-28)

De início gostaria de esclarecer alguns termos básicos, esperando evitar confundir o leitor não familiarizado com o assunto. Quando uso o termo “Igreja Local”, tal como no subtítulo deste livro, não me refiro ao modo comumente utilizado no meio cristão, onde “igrejas locais” simplesmente denotam congregações cristãs que são localmente acessíveis ao público. Serei bem mais específico do que isso. As “Igrejas Locais” se referem a congregações particulares que têm algum nível de alinhamento com Witness Lee e sua editora, a LSM.

Diferentes pontos de vista e opiniões surgirão ao contatarmos pessoas que tiveram envolvimento com as Igrejas Locais. Não tenho interesse em listar ou abordar todas elas. Minha crença, expressa de maneira direta, é de que em algum lugar ao logo do tempo a maioria dessas igrejas se enrijeceu em um movimento extremista e de idiossincrasias religiosas. Membros das igrejas locais normalmente se referem a seu envolvimento com o grupo como sendo “a vida da igreja”. Entretanto, meu entendimento é de que nenhuma autêntica vida da igreja do Novo Testamento poderia existir, em qualquer grau convincente, dentro dessa esfera. Ao longo dos últimos anos, muitos chegaram a conclusões similares e em diferentes graus saíram procurando campos mais frescos e sensatos. Esse livro foi escrito para esses, uma vez que, provavelmente, já ouviram que ao deixarem “a Restauração” (ou seja, a versão do LSM de Restauração), não há lugar para ir exceto a babilônia religiosa. Felizmente, o Espírito Santo não está confinado por tais decretos, o que será demonstrado nos capítulos seguintes.

Uma Tendência Descendente

De acordo com membros que me precederam no grupo, a dinâmica da Igreja Local começou a se desfazer já num estágio inicial. A tendência de queda foi tão gradual que, como é comum na história da igreja, a maioria mal percebeu. Em algum momento antes de decaírem para o status de apenas um movimento, muitas igrejas locais funcionavam como vibrantes comunidades de oração, da Bíblia e de comunhão. Era um cenário onde os crentes podiam experimentar a vida da igreja do Novo Testamento. Essa infantil experiência do livro de atos

tinha um tipo de poder não refinado e *in natura*. Era apenas uma questão de tempo antes que alguém achasse ser mais eficiente domesticar aquele poder por meio de uma definição rígida. Como resultado, a espontaneidade de antes foi lentamente suplantada, dando espaço a um “desfrute” de formas, exercícios, maneiras, atividades e ao mais estrito tipo de teologia sistematizada. O dogmatismo penetrou sorrateiramente. Quase imperceptivelmente, a fé cristã simples tornou-se indistinguível da “visão” que definia o Movimento. No final dos anos 70, a unidade informal do espírito no grupo estava a caminho de se transformar em uma uniformização organizacional (apesar de vigorosas negativas oficiais). Expurgações, política, inveja, rumores e formas sutis de anulação de caráter surgiram. Em meados dos anos 80, todo o pacote inteiro era muito semelhante ao “cristianismo caído” que o grupo frequentemente criticava.

Experiências e Observações Pessoais

Em 1984 eu experimentei uma introdução agradável na Igreja Local. Sendo um jovem idealista encontrei no estilo de ensino bíblico influenciado pelos irmãos unidos algo fascinante, a ênfase na unidade Cristã nobre e a comunhão entre seus membros aconchegante. Essa combinação – verdade, unidade e companheirismo – é sempre basicamente suficiente para assegurar que qualquer crente sério continue em um grupo cristão. Pelo menos o foi para mim.

Entretanto, dados os benefícios de alguns poucos anos e algumas inspeções mais detalhadas, comecei a ver extremos no Movimento que foram bem além de excentricidades comuns normalmente encontradas em grupos cristãos. A mais evidente delas era a ênfase na figura central do grupo, Witness Lee. Eu entendia o conceito de apreciação e respeito a ministros, mas quando títulos como “o oráculo”, “o ministro da era” e “o apóstolo” eram rotineiramente atribuídos a Witness Lee, pareceu-me uma devoção um tanto desequilibrada. De acordo com minhas observações de longo prazo, essa questão isolada erguia bandeiras vermelhas em mais pessoas do que todos os outros itens questionáveis no Movimento da Igreja Local juntos. Foi uma questão de tempo até que pessoas inteligentes comessem a fazer considerações inquisitivas e indesejáveis. Algumas delas começaram a fazê-las muito mais breve do que tardiamente. Como um exemplo clássico, lembro-me dos comentários de um casal preocupado depois de uma conferência de final de semana. Toda a energia daquele momento foi usada na promoção de uma nova prática endossada pelo movimento chamada OEMR que envolvia orar, estudar, memorizar e recitar os ensinamentos de Witness Lee. “Somos buscadores do Senhor”, afirmou o casal. “Viemos aqui porque ouvimos que poderia haver algo de Cristo nessa

conferência, mas agora estamos pensando se vocês estão de fato seguindo a Jesus. Parece que seguir a Witness Lee é bem mais importante para vocês.” Eles não conseguiram entender a conferência do final de semana e eu sabia exatamente o porquê. Muito da experiência da Igreja Local não fazia sentido sem que se apoiassem as crenças concernentes ao próprio Witness Lee, seu ministério e seu suposto lugar especial no plano de Deus.

De acordo com o LSM, a posição primária sobre a relação entre Witness Lee e as Igrejas Locais era a de que ele não controlava nenhuma delas. A verdade é que ele nunca precisaria agir dessa forma. Witness Lee havia escrito todos os comentários do grupo, o hinário havia sido compilado por ele e as notas de rodapé de sua tradução especial da Bíblia (a Versão Restauração) haviam sido escritas por ele igualmente. Witness Lee ministrava todas as conferências e treinamentos. As Igrejas Locais assistiam aos vídeos de Witness Lee, repetiam seus ensinamentos em suas reuniões, mencionavam o seu nome dezenas de vezes nessas mesmas reuniões, tinham salas de serviço literárias repletas apenas com os escritos de Witness Lee, e consideravam qualquer outro material não escrito por ele essencialmente como um produto da Babilônia religiosa, ou, pelo menos, muito inferior em conteúdo. Elas adotavam as opiniões de Witness Lee quanto a feriados, família e aos outros cristãos. Aceitavam a ideia de que uma vez que ele já havia estudado todos os livros cristãos dignos de consideração, então não havia necessidade de voltar e lê-los. Os membros das Igrejas Locais afirmavam uns aos outros solenemente que Witness Lee havia reunido todas as riquezas da era da igreja em um pacote teológico preciso. Pesquisa suplementar seria redundante. Os picos da revelação já haviam sido alcançados. Além disso, informação adicional, especialmente de outras origens, poderia contaminar a fonte.

Ainda que Witness Lee não tivesse, ele mesmo, intencionalmente produzido esse estado mental, sentinelas zelosas e uma rede de apoiadores leais por todas as igrejas fizeram desta sua missão. Ainda assim, essas mesmas pessoas ousadamente negariam ser “Leeistas”. Nem aceitariam a ideia de que suas igrejas eram ministeriais. A consciência deles havia sido treinada com um elaborado sistema de explicações do porquê Witness Lee e sua editora eram a base e comunhão corretas das igrejas genuínas. Essas racionalizações incluíam a ideia do ministro (e ministério) da era, uma restauração da igreja, uma série de revelações atualizadas e outras numerosas afirmações dadas através do púlpito do Movimento. Onde o Ministério criticava publicamente outros cristãos por se polarizarem em torno de seus ministros favoritos, de alguma maneira, as igrejas locais que se polarizavam em torno de Witness Lee eram isentas do mesmo pecado de sectarismo. Era um óbvio padrão duplo que somente fazia sentido na mente dos fiéis.

Meio Oeste – Um Diferente Tipo de Área

Distantes do epicentro do movimento californiano, as igrejas locais do meio-oeste ecoavam alguns dos mesmos extremos de suas congregações associadas, embora menos radicalmente. Ali, poder-se-ia receber pelo menos uma aceitação decente por se estudar material não publicado pelo LSM, desde que a teologia em questão fosse sadia e provada pelo tempo. Assim, comecei a ler outros escritos cristãos além apenas daqueles de Watchman Nee e Witness Lee. Dentre eles, uma variedade de irmãos – Darby, Bellett, Stanley, Stoney, Kelly, Ritchie, Soltau, e Mackintosh, apenas para mencionar alguns. Também havia os pais da igreja, os reformadores, puritanos, grandes evangelistas e alguns da vida interior. Como um avanço posterior, adicionei alguns escritores contemporâneos, examinando seus trabalhos através do mesmo filtro de discernimento que havia usado em todos os outros. Os porta-vozes do ministério haviam emitido sérias admoestações sobre a corrupção espiritual que poderia ocorrer ao se receber ajuda de outros cristãos. Mas a soma da minha experiência resultou em enriquecimento e um equilíbrio que me guardou de cair na intolerância excessiva do Movimento. Se eu tivesse me tornado corrupto em qualquer sentido da palavra, seria somente de acordo com o dicionário do LSM, onde corrupção significava a falha de alguém em concordar com tudo que a organização pensava.

Outra influência temperante no Meio-oeste era seu programa de treinamento ministerial de tempo integral. Onde quer que os treinamentos oficiais do LSM fossem realizados, podia-se esperar ouvir uma torrente interminável de retórica pró-Movimento. O treinamento do Meio-oeste era diferente. Primeiramente, era presidido por Titus Chu, um homem que havia sido um discípulo e cooperador de Witness Lee, embora não fosse considerado um dos da elite da Costa Oeste. Chu havia se tornado particularmente efetivo no Meio-Oeste, levantando um bom número de igrejas locais e de obreiros de tempo integral. Entretanto, seu sucesso terminou por render-lhe o desdém de homens duvidosos, e rumores em meio ao LSM.

Entrei no treinamento de Chu em 1988, pouco antes das nuvens de controvérsias começarem a se juntar. Imediatamente, encontrei-me rodeado por homens que eram oradores talentosos, praticamente peritos, e alguns bastante eruditos. Todos pareciam possuir um nível de objetividade honesta sobre aquilo em que estavam e em que acreditavam. Era um ambiente que achava inspirador e assim comecei a desenvolver intensamente minha própria pregação evangelística e ministério de ensino.

Naturalmente, eu conhecia bem a hostilidade do Movimento da Igreja Local quanto à ideia de se desenvolver um ministério próprio (somente Witness Lee era reconhecido como possuidor de um; todos os outros eram tratados como ambiciosos). Apesar disso, sentia que tais pensamentos eram pura hipocrisia. Por muitas vezes a exortação para não se possuir nada e para não ser nada era ouvida entre os membros da Igreja Local, exceto sem o espírito no qual John Nelson Darby a havia originalmente liberado. Se nada possuir significava que um santo individual não podia ter um ministério para a casa de Deus, então o próprio Darby se afastou do pensamento bíblico de dar o alimento no tempo certo em Mt 24, ou de investir os talentos em Mt 25, ou o mandamento de cuidar do próprio ministério. Deixei de lado a auto-humilhação piedosa, decidindo que onde eu precisasse de humildade, o Senhor poderia falar comigo a esse respeito ou preparar as circunstâncias para alcançá-la.

Após a morte de Witness Lee em 1997, seus substitutos assumiram o púlpito, mas onde Witness Lee era mais conservador quanto a fazer afirmações e exigências, esses homens não tinham tais preocupações. Eles partiram para a proibição de livros cristãos que não fossem produzidos pelo LSM, anunciaram que Witness Lee era “Deus em ação” na terra, e se opuseram abertamente a tudo que discordava da aplicação peculiar deles quanto às visões de Witness Lee. Sob essas circunstâncias, a situação evoluiu para um protesto. E quando esse finalmente chegou, veio do Meio-oeste. Naquele momento eu havia assumido não só as responsabilidades de um obreiro cristão de tempo integral experiente, mas também aquelas relacionadas ao presbitério. Deste ponto, fui finalmente exposto ao máximo à roupa suja do Movimento, a brigas internas e difamações, quebra de acordos e desrespeito “fraternal”. Não apenas eu, mas outros líderes de igrejas há muito já sentiam que o Movimento se dirigia a posições muito radicais para serem apoiadas. De onde estávamos, a adesão a esses posicionamentos havia afetado negativamente nosso nível de vida espiritual, contribuindo para a diminuição de membros em nossas reuniões, e tornado muitas igrejas não apenas estranhas ao mundo cristão, mas uma bizarrice na própria comunidade secular. Assim como o acompanhamento da agenda do Ministério, nossa participação nos eventos também diminuiu – “jantares” e outros ajuntamentos onde a participação era obrigatória, a fim de provar nossa unidade com o restante do “corpo”. Em vez disso, começamos a focar nossa atenção localmente, enfatizando o evangelho, a Bíblia, e nos relacionando com outros cristãos em nossa cidade. Do ponto de vista do LSM, isso era um tipo de apostasia e a única solução era excomungar Titus Chu. Aparentemente, supunha-se que as congregações desviadas eram vinculadas a Chu, controladas por seus caprichos diários e agenda privada. Desaboná-lo durante uma

quarentena pública provavelmente encorajaria as igrejas em questão a retornar à linha do LSM. Mas para a maioria, isso não aconteceu.

Após um longo e repulsivo procedimento de excomunhão, com cinco horas de testemunho contra Titus Chu, igrejas que tinham uma mente voltada para a liberdade mantiveram-se da mesma maneira. Havíamos sentido o sabor de terras mais elevadas e não iríamos nos render ao comando do Movimento. Assim, outra suposição foi evidentemente feita – a de que as igrejas não se submeteram porque suas lideranças eram ocupadas por marionetes – homens “sim” que pertenciam a Titus Chu. Isso levou a uma estratégia mais invasiva.

As igrejas locais do Meio-este eram ainda salpicadas com apoiadores – indivíduos que se apegavam a visões consistentes com os posicionamentos mais estreitos do Ministério. Estes pequenos grupos funcionavam como “células dormentes” que podiam ser ativadas internamente contra igrejas locais não cooperadoras. Com o encorajamento de pessoas de reputação, esses membros podiam desobedecer à liderança local em nome de se “permanecer firme pelo Ministério” e promover o interesse do LSM bem no quintal dos presbíteros não conformados. Se os líderes da igreja tentassem tratar o problema gerado, processos eram abertos contra eles (como em Columbus e Mansfield, Ohio) ou rebeliões conjuntas poderiam ocorrer para varrer o grupo estabelecido e plantar presbíteros que eram bem quistos pelo LSM (como em Rochester, Minnessota). Além disso, agitadores ambulantes podiam ir de lugar em lugar reunindo o zelo ignorante de pessoas da igreja, simulando que ultrajes terríveis haviam sido cometidos contra os interesses de Deus (como em Toronto, Canadá).

Esses membros localmente afetados tendiam a ter bem menos princípio do que seu fundador. Embora muitos no passado admirassem a obediência e humildade de cordeiro de Watchman Nee em aceitar a disciplina da igreja, eles não mais podiam apontar para ele como um exemplo. “O Ministério” agora estava produzindo cristãos que eram capazes de processar seus próprios líderes congregacionais caso se sentissem mal-entendidos ou se eles não agissem à sua maneira.

A ilegalidade eclesiástica entrou em operação ao máximo. Finalmente nada poderia ser dito ou feito se não fosse em nome do “Ministério” ou do “corpo”. Quebra de cadeados das portas dos locais de reunião, mentiras e xingamentos ocorreram, bem como a circulação de cartas difamatórias, gravações de vídeos ou de conversas telefônicas. Não surtiria nenhum resultado perguntar a quaisquer dessas pessoas o que Watchman Nee teria feito. Eles haviam há muito abandonado seu exemplo pessoal de uma vida sob o tratar da cruz. Nem eram afetados quando confrontados com a Bíblia. Acharam maneiras de evitar a verdade das

escrituras e de desculpar seu comportamento ultrajante. Ainda assim em meio a tudo isso, os perpetradores ainda conseguiam falar de consciência, embora uma consciência moldada por visões religiosas anormais.

O Pano de Fundo deste Livro

Quando os seguidores do LSM processaram a igreja em Columbus, Ohio, um mau fruto se tornou evidente ao ponto de não podermos mais fingir que árvore era boa. Começamos a ver a situação como realmente era e não como a “manipulação” otimista a mostrava. A inscrição estava na parede. O Senhor havia sido negociado por um advogado. A busca nas escrituras por respostas havia sido trocada pela busca por brechas nas resoluções sociais do grupo. O poder da cruz tornou-se o poder do voto. Se alguma oração subia a Deus, ela pediria a Ele que abençoasse as estratégias produzidas por homens que estavam tentando confiscar os bens das igrejas e destituir a liderança congregacional. Nesse ínterim, os mais simples continuavam a ser assegurados de que o envolvimento em tais coisas era para o bem do “Ministério da era”. A ausência de uma avaliação saudável do Movimento garantia a total cooperação. A lealdade inquestionável anulava efetivamente quaisquer argumentos concernentes a meios e métodos.

Contrários a esse pano de fundo, muitos de nós percebemos que o Senhor estava não somente avançando, mas possivelmente já houvesse avançado. Isso ocorreu não muito tempo antes de algumas congregações começarem a falar da vida da igreja além dos limites do movimento da igreja local. Em Columbus, essas considerações, nascidas através da oração, frustração e verdade formaram o tema deste livro. Obviamente nem todos concordarão com as conclusões alcançadas. Aqueles que continuam alegremente no Movimento da Igreja Local sem dúvida descartarão esse volume como uma ficção maligna. Talvez alguns o atribuirão à amargura, ambição ou a uma variedade de outras influências negativas. Por décadas, essas atitudes vêm sendo reutilizadas infinitamente contra pessoas que buscam ressaltar os extremos do Movimento. Isso foi mais fácil do que ouvir honestamente, e é claro, bem menos ameaçador.

Entendo a relutância em considerar pontos de vistas alternativos, especialmente aqueles vistos como sendo hostis. Uma das experiências mais constrangedoras na vida humana é se desfazer de estimadas crenças religiosas. As pessoas farão qualquer coisa para evitar que isso aconteça. Em um extremo, alguns simplesmente silenciam seus inimigos ideológicos massacrando-os. Notícias desse tipo chegam a nós todos os dias vindas do Meio-

oeste. Os perpetradores resolvem suas disputas “sagradas” fazendo com que o infiel ou o questionamento desapareça, eliminando, dessa forma, as disputas. No outro extremo, mais pacifista, estão aqueles que se equipam não com armas ou bombas, mas com pensamentos, razões, desculpas e redirecionamentos. Eles reagem a confrontos com banalidades que de fato não respondem a nada. Essas pessoas não são convencidas por lógica alguma. A verdade é assustadora para elas – não a verdade doutrinária por si, uma vez que são apaixonadas por ela, mas a verdade se relacionada com o estado real das coisas.

Tendo passado quase um quarto de século no Movimento da Igreja Local, estou bem familiarizado com o arsenal de respostas padronizadas usadas quando o confronto aparece. Fale de alguém que deixou o movimento e receberá trejeitos intencionais e ouvirá os “reais” motivos por que saíram – que eram muito mundanos, muito religiosos ou simplesmente não tinham visto nada. Eles não conseguiram uma posição de liderança na igreja, ou o namorado ou a namorada que queriam. Não exercitaram o espírito, ou queriam seu próprio ministério, ou não viram “o corpo”, ou foram ofendidos por algumas coisas irrelevantes. Mas os apologistas da Igreja Local asseguram que ninguém jamais sai por algum motivo legítimo. Não existe tal coisa como uma causa justificável.

Ao dizer isso, não creio que todas as críticas feitas no passado às Igrejas Locais eram justas. Entretanto, na história do Movimento, objeções legítimas foram rapidamente consideradas de maneira cega como negativas como todas as outras. O discernimento espiritual genuíno, que teria revelado a diferença, tem sido altamente desprezado. Atualmente, o que se passa por discernimento no grupo tem muito menos a ver com a Bíblia e a vida do que tem a ver com o efeito do lento e contínuo doutrinamento. É por isso que não posso esperar uma análise justa deste livro por parte da liderança do grupo. Por fim, somente o Senhor pode julgar, mas devo também confiar naqueles leitores mais objetivos e imparciais que serão capazes de decidir se soarei carnal ou irracional nas próximas páginas.

Sem dúvida, alguns afirmarão que esses escritos apenas existem para semear discórdia entre os entusiastas do LSM. Ao contrário, como implícito no subtítulo, eles são para aqueles que já deixaram o Movimento da Igreja Local ou pretendem deixá-lo. E embora esta publicação possa inadvertidamente cair nas mãos daqueles que ainda estão ali, eles não são meu público-alvo. De fato, minha motivação ao escrever “*Um futuro e uma esperança*” é especificamente mostrar um destino otimista. Ao abordar algumas coisas passadas que sinto necessitar de contestação, faço-o apenas visando apresentar algo melhor. Não planejo servir pratos quentes de zombaria neste trabalho. Exceto com a intenção de alimentar ofensas, nenhum livro totalmente dominado por uma tese negativa pode apresentar ajuda a seus

leitores. Meu desejo é oferecer esperança para aqueles que querem resgatar sua vida da igreja novamente (exceto, é claro, as coisas que originalmente a mataram). Isso não é fácil. O tempo, a sociedade e o próprio Deus avançaram, necessitando de uma vida da igreja que está agora situada no século 21.

Não há vantagem em tentar ressuscitar o passado. Independente da medida que tomemos, não conseguiremos trazer a vida da igreja de 1969 ou 1972 ou 1976. Tudo o que podemos fazer no presente é adotar o exemplo do Apóstolo Paulo de esquecer as coisas que passaram, enquanto avançamos para as coisas que estão adiante. Esse é um conceito difícil de se aceitar. Muitas pessoas com extensos dias de glória no passado inconscientemente anseiam pelo seu retorno. No mínimo, eles os usam como uma vara de medida para o que quer que aconteça hoje. Este livro não defenderá o retorno daqueles bons velhos dias, mas o avanço para os frescos dias novos.

Enquanto isso, no presente, há muitas pessoas e mesmo igrejas inteiras que estão procurando pela trilha do êxodo. O problema está em saber o que fazer, uma vez que a encontrarem. A estratégia de uma igreja local não franqueada é retornar para o que sempre fez, exceto para a lealdade organizacional ao LSM. Neste cenário, para a maioria, reuniões, posicionamentos e práticas continuam inalteradas. A única diferença é que não há materiais especiais nas reuniões e nem promoções de conferências e treinamentos. A partir da minha observação, isso não é suficiente para a saúde e avanço da igreja. Como se verá neste livro, é necessário muito mais do que a remoção para se obter um grupo de santos focados no caminho ascendente. De fato, sem a adição de novas atitudes e visões, as chances de a igreja definharem, na verdade, são grandes. Num cenário em que subsistimos somente porque não gostávamos do que fazíamos antes, a visão pode tornar-se míope e a força espiritual fraca. Os santos irão lentamente debandar.

Previsivelmente, a sede do Ministério interpreta esse tipo de desgaste como uma prova do descontentamento do Senhor. Divórcios, pecados e a redução no número do grupo desertor serão tomados como confirmação da insatisfação de Deus para com aqueles que deixaram Seu mover. Como demonstrarei neste livro, esse falar perigoso é absurdo. Há outras razões bem mais práticas para esse tipo de fracasso. Nenhuma delas tem a ver com uma maldição que vem por se deixar uma organização especialmente ungida. De fato, se um grupo de cristãos desertores pode mudar a base de seu ajuntamento de negativa para positiva, a bênção virá. E é disso que esse livro trata – um futuro promissor e frutífero para crentes que buscam por uma vida da igreja além do movimento da Igreja Local.

Minha opinião é que, na medida em que lerem, irão sentir-se satisfeitos bem como levemente incomodados com as coisas que apresentarei. Questionarão se fui excessivamente afetado por tendências modernas na cristandade ou, talvez, se permaneço receptivo demais ao modo de pensar da Igreja Local. Mas este livro não tem a finalidade de ser um tratado encaixotado ou empacotado. Há coisas que considerarão impossíveis de se empregar nesse momento. Outros itens não mais se aplicarão a alguns, uma vez que já avançaram para além deles. Mais do que provavelmente, entretanto, será lucro receber uma visão geral da vida da igreja que é desimpedida, livre de décadas de acúmulo religioso. Tendo visto as possibilidades, talvez o sonho por esse tipo de comunhão enterrado interiormente seja novamente descoberto, motivando-os a se levantar e recobrá-lo.